

Garotas de programa e o entre-lugar discursivo

Mirielly Ferraçã

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil
miriellyferraca@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.786>

Resumo

Para pensar a tensão e o conflito que constituem a linguagem, parte-se de entrevistas realizadas com garotas de programa em 2012, em uma boate de Cascavel, com o consentimento e aprovação do Comitê de Ética. A partir do *corpus*, percebe-se que o discurso das garotas de programa é enredado por contradições, fruto do cruzamento de diferentes formações discursivas e do embate discursivo das posições ocupadas, mãe e prostituta. As contradições as colocam numa espécie de entre-lugar, permitindo que o sujeito se constitua e faça parte de ambas as posições, sem desmoronar discursivamente. Assim, neste trabalho, o conceito de formação discursiva é retomado na tentativa de movimentar seu percurso teórico, pensando no movimento de aproximação com o conceito de entre-lugar, de Silviano Santiago, mas no campo discursivo.

Palavras-chave: entrevistas; garotas de programa; discurso.

Female escorts and the discursive in-between

Abstract

In order to reflect on the tension and conflict that constitute language, we use, as a starting point, interviews with female escorts performed in 2012 in a nightclub in the city of Cascavel, with the approval and consent from the Ethics Committee. Starting from the corpus, the discourse of female escorts shows itself to be entangled in contradictions, stemming from the crossing of different discursive formations and from the clash of discursive positions held, that of the mother and the prostitute. The contradictions put them in a sort of in-between, allowing the subject to constitute and be part of both positions, without crumbling the discourse. Thus, in this paper, the concept of discursive formation is resumed in the attempt to move its theoretical path, thinking about the movement of approach with the concept of in-between, by Silviano Santiago, but in the discursive field.

Keywords: interviews; female escorts; discourse.

Formação discursiva e a proposta do entre-lugar

No laço que une linguístico, interdiscurso, esquecimentos, ideologia e história, a *formação discursiva* propicia, na heterogeneidade e na dispersão dos discursos, o lugar de encontro dos efeitos de sentido; marca-se como aquilo que o sujeito, interpelado pelas condições histórico-ideológicas e a partir de uma posição dada, *pode e deve dizer*. Sendo este um conceito fundamental e pulsante para a teoria, empreende-se neste trabalho uma discussão acerca da noção de *formação discursiva* considerando algumas obras do autor fundador da disciplina: *Por uma análise automática do discurso* (2010), organizado por Gadet e Hak, *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2014), *O discurso: estrutura ou acontecimento* (2008), ambos de Michel Pêcheux, e o texto *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*, de Haroche,

Henry e Pêcheux (1971). Ao final, apresenta-se, ainda que de maneira breve, uma possibilidade de diálogo entre a *formação discursiva* de Pêcheux e o conceito de entre-lugar de Silvano Santiago, movimento que se dá a partir da análise de entrevistas realizadas com garotas de programa¹.

O percurso histórico posto em questão neste artigo perpassa pelas três fases da Análise do discurso, trajetória que mobiliza e (re)discute alguns pontos da teoria, mas os principais traços de mudança que aqui importam para pensar no movimento do conceito são: a articulação entre história, memória e *formação discursiva*, visto ser o exterior o sintoma que exige a expansão do conceito, posteriormente com a entrada do *interdiscurso*; a relação entre as regularidades e as instabilidades dos sentidos, movimento que se desloca em direção à heterogeneidade. Por fim, enquanto proposta ainda em desenvolvimento, a possibilidade de pensar num entre-lugar discursivo, considerando a posição sujeito na relação entre formações discursivas.

Formação discursiva: percurso teórico-metodológico

A noção de *formação discursiva* sinaliza as mudanças pelas quais a teoria passou ao longo das fases de Pêcheux, sendo, inclusive, trabalhada por outros autores como Guilhaumou, Denise Maldidier e Courtine, que dão (con)sequência à importância do conceito para o aporte teórico da Análise do discurso, ampliando as discussões ao redor da tênue divisão entre regularidade e dispersão dos sentidos.

No texto *A análise de discurso: três épocas*, de Michel Pêcheux (2010), o autor atribui três fases à teoria explicitando o amadurecimento teórico e abrindo questões para um devir. No período inaugural, o *corpus* era concebido como homogêneo e fechado a partir de um tema e da reunião de sequências discursivas selecionadas em um espaço discursivo dominado por *condições de produção* estáveis (PÊCHEUX, 2010). Nesse primeiro momento, o procedimento analítico pautava-se em etapas mais rígidas, fixas e restritas teórica e metodologicamente, era o espaço das “máquinas discursivas” que constituíam “unidades justapostas”. Tal processo de análise linguística do *corpus* consistia na *deslinearização*, ou seja, no trabalho de desfazer os encaixes da sintaxe reduzindo-os em enunciados elementares.

A teoria, fundamentada no estruturalismo, como explicitado em *Análise automática do discurso (AAD-69)*, pauta-se em uma visão não reducionista da linguagem, crítica essa que recai sobre a prática em torno dos usos semânticos e sintáticos postos em evidência meramente para responder questões que se referem ao sentido de um texto, respondendo à clássica interrogação escolar: o que o autor “quis dizer”? A língua deixa de ser compreendida como tendo a *função* de fornecer sentido e passa a ser vista como objeto da ciência a partir da qual se pode descrever o *funcionamento* linguístico, assim como instaura Saussure, deslocamento do qual Pêcheux soube se servir.

As *condições de produção* neste momento são definidas como determinadas por um exterior (um não-dito que culminará posteriormente no *interdiscurso*) e ao evocarem tudo o que fora da linguagem as constitui, exercem o papel de filtro na constituição do

¹ Neste artigo, apenas é possível trazer considerações iniciais sobre o entre-lugar discursivo, visto ser esse um dos pontos a ser desenvolvido na tese de doutorado em andamento no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP (2015-2019).

espaço fechado que era o *corpus*. Dar seqüência à constituição de um *corpus* enquanto possibilidade de reunião de discursos que representam certa homogeneidade é direcionar a reunião desses discursos a formas fechadas de interpretação.

Em 1971, no texto *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*, publicado no número 24 da revista *Langages*, Pêcheux inseriu-se definitivamente no campo da linguagem em torno dos pressupostos saussurianos e contra a semântica de sua época. Não se tratava apenas de demonstrar as contradições da semântica, usada nas análises de conteúdo ou comumente aplicada em questionários, entrevistas, documentos, arquivos, etc., pertencentes à esfera das ciências sociais (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971), mas de realizar deslocamentos considerando a proposta de uma Semântica discursiva.

A mudança de terreno a qual Pêcheux propõe relaciona-se à luta contra o empirismo, ou seja, a tentativa de livrar-se da problemática subjetivista centrada no indivíduo, e contra o formalismo, no qual a língua é vista como *objeto* da linguística. Para isso, era necessária a introdução de novos objetos posicionados em relação ao novo terreno teórico. Assim, a partir do *materialismo histórico*, Pêcheux conduz a reflexão para o que nomeia de formação social determinada pela história, caracterizada pelo *modo de produção* que a domina e pela *luta de classes* que a compõe (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971). Essas relações ocorrem por meio de *aparelhos* a partir dos quais se realizam práticas que correspondem a posições políticas e ideológicas. É nesse cenário teórico que um dos conceitos principais e fundamentais para a teoria é delineado: trata-se do primeiro² esboço da noção de *formação discursiva*, definida como zonas de regularidades discursivas, em que o sentido está relacionado a um exterior ideológico delimitado pelas *formações ideológicas* e pelas *condições de produção*.

Avançaremos, apoiando-nos sobre grande número de observações contidas naquilo que denominamos “os clássicos do marxismo”, que as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que *não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam*, na medida em que elas determinam a significação que tomam essas palavras: como apontávamos no começo, as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. Podemos agora deixar claro: as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma *formação discursiva* a outra (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971, p. 102-103, grifo dos autores).

Considerar que os sentidos se constituem dessa forma é descartar a análise de conteúdo, em que os sentidos são unívocos; é o próprio trabalho da semântica sendo questionado por Pêcheux. Nesse sentido, a semântica não daria conta de analisar ou descrever uma formação discursiva, bem como localizar seqüências discursivas relacionadas à passagem de uma a outra, não se poderia realizar tal procedimento com

² Maldidier (2003), em *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*, afirma ser em *Considerações teóricas a propósito do tratamento formal da linguagem* (1970), escrito por Culioli, Fuchs e Pêcheux, que numa nota de rodapé aparece a ideia de *formação discursiva*, submetida a determinações não linguísticas.

base numa semântica lexical ou gramatical. O deslocamento proposto com a Semântica discursiva se encontra, dessa forma, na “análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva, essa análise que leva em consideração o elo que liga esses processos às condições nas quais o discurso é produzido (às posições às quais deve ser referido)” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971). Mais do que caracterizar o que de fato é a *formação discursiva*, nesse momento entra em jogo a constituição dos sentidos a partir de uma posição dada, de condições específicas, questionando ao mesmo tempo em que desconstrói a análise semântica biunívoca da relação entre um significado e um significante. A concepção de que as palavras possuem significados estabilizados, biunívocos, é questionada por Pêcheux ao inseri-las em uma situação de produção específica, importando também o jogo social existente ao considerar a posição de quem as enunciou.

É na segunda fase, como distingue Pêcheux (2010), que o conceito é (re)definido na teoria, sendo o termo um empréstimo feito de Foucault³: “começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’” (PÊCHEUX, 2010, p. 310). Assim, em 75 é introduzido o conceito de *interdiscurso*, remetendo ao exterior específico de uma *formação discursiva*, que irrompe e constitui um lugar de evidência discursiva: “o fechamento da maquinaria é pois conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como o resultado paradoxal da irrupção de um ‘além’ exterior e anterior” (PÊCHEUX, 2010, p. 310). Os conceitos vão sendo aprofundados e reunidos de modo a se entrelaçarem. Neste momento, o exterior exerce uma mudança significativa ao ampliar as possibilidades de movimento dos sentidos, constituído por algo que fala antes, em outro lugar, e que irrompe na *formação discursiva*, é o *inter* no *intradiscurso*, além de relativizar qualquer concepção que a encararia como uma estrutura fechada.

Em *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*, texto de Pêcheux e Fuchs, de 75, explicita-se a importância do *interdiscurso*, esse exterior constitutivo, sendo agora um conceito já mais delimitado por Pêcheux.

[...] uma formação discursiva é constituída-margeada pelo que lhe é exterior, logo *por aquilo que aí é estritamente não formulável, já que a determina*, e, ao mesmo tempo, sublinhar que esta exterioridade constitutiva em nenhum caso poderia ser confundida com o *espaço subjetivo da enunciação*, espaço imaginário que assegura ao sujeito falante seus *deslocamentos no interior do reformulável* de forma que ele faça incessantes retornos sobre o que formula, e aí se reconheça na ‘relação reflexiva ou pré-consciente com as palavras, que faz com que elas nos apareçam como a expressão das coisas’ de acordo com a formulação de M. Safouan em ‘Sobre a estrutura em picanálise’ (1968) (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 178, grifo dos autores).

Abre-se aqui, no que culminará na plenitude da reflexão em *Semântica e Discurso*, obra publicada no mesmo ano (1975), o laço feito entre o efeito subjetivo ligado à linguagem e a produção dos sentidos no interior de uma formação discursiva. A inserção do *interdiscurso* para a constituição dos sentidos encontra-se na defesa de Pêcheux de que o sujeito não domina suas palavras, não é dono de si, questionando o sujeito cartesiano, centro dos sentidos, em vigor até então. É o efeito produzido no interior da formação discursiva para o sujeito das evidências do sentido, colocando-o

³ A expressão é utilizada inicialmente por Michel Foucault em *Arqueologia do saber* (1969), emprestada por Pêcheux e ressignificada a partir de uma teoria marxista da linguagem, posta na relação ideológica.

como origem do dizer, dono de suas palavras. O sujeito, nesse sentido, vê-se como único, insubstituível e idêntico a si, é o teatro da consciência em que entra em jogo o *eu*: *eu vejo, eu penso, eu falo*⁴. Trata-se do *efeito Münchhausen* que aparecerá em maio desse mesmo ano.

Ainda, os *esquecimentos número 1 e 2*, definidos em 75 por Pêcheux, encontram diálogo com o funcionamento da *formação discursiva*, visto ser o *esquecimento número 1* o efeito pelo qual o sujeito se esquece que o sentido se constitui em um processo que lhe é exterior, trata-se da ilusão subjetiva; e o 2 se localiza na própria constituição do enunciado, no formulável, em que o sujeito tem a ilusão de selecionar, escolher e ter o controle de suas palavras. Ilusão fundamental que faz o sujeito se esquecer que diz na injunção do dizer, partir de uma *formação discursiva* dada.

Os esquecimentos ocorrem pela inter-relação existente entre as *formações ideológicas* e as *formações discursivas*, sendo que essas intervêm naquelas enquanto componentes. A interpelação ideológica dos indivíduos em sujeitos ocorre através de um conjunto complexo determinado de *formações ideológicas*, as quais desempenham um papel desigual na reprodução e na transformação das relações de produção, em dada fase histórica da luta de classes. Por isso, o complexo jogo entre discurso, ideologia, interdiscurso estarem relacionados entre si.

Nesse percurso, colocar o exterior em relação desigual com a *formação discursiva* é voltar-se para as fronteiras internas, para as zonas atravessadas por efeitos discursivos e seus pontos polêmicos: “Assim, a insistência da alteridade na identidade discursiva coloca em causa o fechamento desta identidade, e com ela a própria noção de maquinaria discursiva estrutural.. e talvez também a de formação discursiva” (PÊCHEUX, 2010, p. 311).

Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio constitui um grande amadurecimento e aprofundamento teórico, visto conter nessa obra a redefinição de vários conceitos, acentuada por um percurso teórico-filosófico que visa dar suporte à teoria materialista do discurso proposta pelo autor.

Pêcheux (2014, p. 147, grifo do autor) retoma a mesma definição que marcou o texto de 71:

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)

Essa definição estrutura-se no fato de o autor tomar como inquestionável que os processos discursivos possuem uma base linguística e, ao mesmo tempo, se inscreve numa relação ideológica contraditória de luta de classes. E o grande ponto da redefinição em 75 do conceito está em acreditar que a própria *formação discursiva*

⁴ Trata-se de uma evidência inquestionável, assim como quando se é interrogado: “Quem és”, logo vem a óbvia resposta: “Sou eu”. Pontua Althusser (*apud* PÊCHEUX, 2014) que as evidências: a transparência da linguagem que faz com que uma palavra designe uma coisa ou possua um significado ou ainda o fato de nos vermos como donos de nosso discurso não são um problema, mas um efeito ideológico elementar. O funcionamento da história, da ideologia e do inconsciente na língua pressupõe a existência desse apagamento. O problema não está nessa ilusão do domínio de si e do dizer, visto ser fundamental, mas em negar e ignorar sua existência no fazer científico.

dissimula, pela transparência óbvia do sentido que constitui a língua, a sua dependência com o jogo complexo e desigual com dominante das *formações ideológicas*, posto em movimento pelo *interdiscurso*.

Nota-se que os conceitos se amarram numa rede consistente, encontrando-se um nó decisivo para a constituição de uma teoria do discurso. O *interdiscurso* aparece com mais peso e intensidade, não se referindo apenas aos discursos que existiram antes e nem tampouco ao ponto comum entre uma série de dizeres, o *interdiscurso* é “o todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das *formações ideológicas*, “submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação”. Assim, o *interdiscurso* constitui o espaço discursivo e ideológico onde se desdobram as *formações discursivas*, por isso o sujeito não escolhe nem mesmo suas palavras (PÊCHEUX, 2014).

A relação entre *base* (linguística) e *processo* (discursivo-ideológico) encontra neste momento solução no interior da *formação discursiva*, visto que as palavras, expressões ou proposições não possuem um sentido único e literal, mas recebem seu sentido de acordo com a *formação discursiva* da qual fazem parte e na relação que mantêm com outras palavras, expressões, proposições de uma mesma *formação discursiva*. Ainda, seguindo essa linha, palavras, expressões ou proposições diferentes podem ter o mesmo sentido em determinada *formação discursiva*. A *formação discursiva* é a condição para que o sentido se constitua (PÊCHEUX, 2014).

Ao associar *formação discursiva* à *formação ideológica* e ao *interdiscurso*, passa-se a conceber a noção de *formação discursiva* como um funcionamento que se constitui no encontro com a história, com as relações de forças, localizada em uma conjuntura dada. Ela não é, e não poderia ser diante do aporte teórico delineado por Pêcheux, definida como uma tipologia ou como uma taxionomia, não se trata de caixinhas estáticas em que intervém uma reunião semântica que a denomine ou a própria divisão de blocos semânticos. Como dito, é o entrelaçar dos conceitos que compõe o que de fato é a *formação discursiva*: o processo de interpelação garante a defesa de que o sentido se constitui na *formação discursiva*, já o *interdiscurso* coloca em movimento a lei de desigualdade-contradição-subordinação do sentido na história, assim como se torna fundamental a entrada do sujeito: “o próprio de toda formação discursiva é de dissimular, na transparência do sentido que aí se forma, a objetividade material contraditória do *interdiscurso*” (PÊCHEUX, 2014, p. 149).

O sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui, visto que ela fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’ a partir de um sistema de evidências e significações aceitas. Assim, essa identificação fundadora da unidade imaginária do sujeito se dá na relação com os elementos do *interdiscurso*, como o pré-construído e o processo de sustentação, que são re-inscritos no discurso do sujeito (PÊCHEUX, 2014). O sujeito se identifica e se reconhece como pertencente à *formação discursiva* que o constitui.

Destaco o quão importante é o anexo III para a consequência dada ao sujeito do discurso. Em *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, o inconsciente entra com força na teoria para desestabilizar a ilusão de “ego-sujeito-pleno em que nada falha”, era esse ponto que justamente falhava em *Les Vérités de La Palice* (PÊCHEUX, 2014, p. 276). Compreender a interpelação ideológica é saber que não há ritual sem falhas, é o lapso e o ato falho que se constituem enquanto

possibilidade de revolta, de resistência para o sujeito. Não uno, nem pleno; o sujeito se constitui na divisão com o inconsciente.

Em *O discurso: Estrutura ou acontecimento*, publicado em 1983, Pêcheux mobiliza uma análise discursiva a partir do enunciado *on a gagné*, reflexão que reconduz uma possibilidade de pensar na *formação discursiva* associada à dispersão do percurso social dos sentidos, à imbricação das redes da memória no movimento do *interdiscurso* no *intradiscurso* e à heterogeneidade. Com base na sequência discursiva destacada por Pêcheux e posta em análise, *on a gagné*, enunciado que se reverbera pela mídia francesa sobre a vitória política de Mitterand (1981), Pêcheux trabalha com o jogo entre opacidade e transparência, considerando que:

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso (PÊCHEUX, 2008, p. 53).

As noções de deriva e desestruturação-reestruturação das redes de trajeto apontadas e desenvolvidas em *O discurso: Estrutura ou acontecimento* conduzem a um trabalho de deslocamento, visto que “todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas” (PÊCHEUX, 2008, p. 57). Assim, a *formação discursiva* passaria a ser concebida cada vez mais por uma instabilidade e dispersão de sentidos.

Parece haver um batimento entre os sentidos estabilizados, normatizados e as transformações, deslocamentos postos em movimento pelo funcionamento entrelaçado pela língua, história e ideologia. Há uma linha tênue dividindo os espaços discursivos, separando, ao mesmo tempo em que mescla, o cristalizado e a ruptura. Trata-se de uma fronteira, uma zona intermediária, difícil de ser determinada. Nessa oscilação, encontram-se os sujeitos do discurso, imersos no batimento do mesmo e do diferente das *formações discursivas* das quais compartilham e se constituem. Dito isso, empreende-se na sequência um gesto de releitura do conceito de entre-lugar de Silvano Santiago (2000), com a proposta de fazer trabalhar sua perspectiva no discurso, na contradição constituinte das *formações discursivas*.

O entre-lugar como local de (sobre)viência do sujeito

A linguagem deve ser pensada como espaço de inquietação, como afirma Orlandi (2001), em que as margens do dizer dizem muito mais do que aparentemente se poderia inferir. A Análise do Discurso entra em cena como uma teoria que possibilita pensar nesse espaço discursivo criado pelo encontro entre língua, história, ideologia e sujeito, constituindo-se como uma disciplina que busca na não-transparência da história, na não-transparência do sujeito e na não-transparência da língua (sob o signo da articulação entre o Materialismo Histórico, a Psicanálise e a Linguística) *abrir campos de questões* como quer/deseja Pêcheux (2014), teórico fundador da disciplina.

A tensão e o conflito são aspectos constitutivos da linguagem (LAGAZZI, 1988), por isso não concebê-la como neutra ou transparente, mas encará-la em seu funcionamento discursivo como opaca, repleta de contradições, lugar da repetição e do

possível, da submissão e da resistência do sujeito. Para pensar essa tensão e esse conflito que constituem a linguagem, utiliza-se como *corpus* entrevistas realizadas com garotas de programa em 2012, em uma boate da cidade de Cascavel-PR, com o consentimento e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, trabalho inscrito na Plataforma Brasil, base nacional unificada de pesquisas.

Percebe-se no *corpus* em questão que o discurso das garotas de programa é enredado por contradições, fruto do cruzamento de diferentes formações discursivas e do embate discursivo das posições⁵ ocupadas: mães, ex-esposas, filhas, moças de família, desempregadas, garotas de programa. As posições de ex-esposas, filhas, moças de família e desempregadas contrastam com a de garota de programa, visto que socialmente as mulheres que ocupam as posições citadas ainda pertencem ao aceito, em oposição ao lugar marginalizado da prostituta. Deslizam discursivamente do lugar de garota de programa para o de ex-esposas, lugar bem quisto socialmente associado ao sagrado casamento (apesar disso, para a mulher o divórcio reverbera sentidos negativos); são filhas, ou seja, pertencem ao convívio familiar, relacionadas, assim, a “moças de família”, denominação ressaltada pelas próprias entrevistadas; e se são desempregadas é porque anteriormente eram “empregadas” em profissões não idealizadas, mas aceitas socialmente e tidas como dignas. Todas essas posições que elas tanto ressaltam durante a entrevista, de alguma maneira, contrastam com o lugar da garota de programa, posição marginalizada, não-aceita (embora seja fundamental para o funcionamento social). Tal deslize discursivo coloca o discurso numa rede de sentidos contraditórios. Os lugares garota de programa e mãe, por exemplo, coexistem em meio ao confronto e embate de formações discursivas distintas. Delineados socialmente, tais lugares são tidos como opostos, relação que aproxima a posição materna ao sagrado e ao divino, e, assim, do outro lado da moeda estaria a garota de programa, associada ao profano, ao pecado. Apesar de opostos, os dois lados da moeda coexistem, constituindo, em meio ao embate de formações discursivas opostas, uma espécie de entre-lugar, o lugar do possível, permitindo que o sujeito se constitua e faça parte de posições antagônicas, sem desmoronar discursivamente.

Nas SDs destacadas abaixo, é possível perceber o entrelaçar das posições ocupadas:

SD 01) Minha filha tem 14 anos, né? E meu filho tem 12. E... **é o meu foco**, na verdade, né? **Meu e de todas daqui**. Assim, **trabalho assim nessa vida pra dar o melhor pros meus filhos** (Duda – grifos meus)⁶.

(SD 02) Então, eles são alguma coisa pra pode alegrá nós por dentro, **pior nós seria se nós tivesse abandonado nossos filhos, tivesse jogado na rua**, alguma coisa assim. **Não. Nós tamo aqui por eles. Por eles que nós tamo aqui. Então, ninguém tem que fala nada**. Só que é feio minha filha sabê, minha filha com 12 anos, que eu tô na zona (Carol – grifos meus).

⁵ Entende-se por posição o lugar de interpelação ideológica a partir do qual o indivíduo se constitui em sujeito. Os sentidos e o sujeito constituem-se a partir dessas posições e das formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito.

⁶ As próprias entrevistadas sugeriram um nome para serem nomeadas, respeitando o anonimato das fontes. Ressalta-se que as entrevistas foram transcritas sem correções gramaticais ou inserção livre de complementos.

Constrói-se socialmente uma relação contraditória entre esses dois lugares ocupados pelas entrevistadas: mãe e prostituta. Ser mãe e ocupar o lugar que essa posição representa, reforçado pelo interdiscurso e o pré-construído, instaura a imagem de uma mulher imaculada, respeitada, associada ao amor divino, ao dom da vida, ser cujo amor incondicional é capaz de realizar sacrifícios em prol dos filhos; sentidos naturalizados, ditos e repetidos pelo senso comum. Em oposição ao lugar positivo que se tem da maternidade, a imagem condenada é ocupada pela posição da prostituta, tida como mulher de vida fácil, promíscua, imoral, ocupando o outro lado do pêndulo. Assim, em oposição à posição “boa” da “mãe de família”, existe (e parece necessária) a posição “ruim” e “má” da garota de programa: **“O bom e o mau se encontram numa relação recíproca e constituem um par de conceitos axiológicos inseparáveis e opostos.** Toda concepção do bom acarreta necessariamente, de um modo explícito ou implícito, uma concepção do mau” (VAZQUEZ, 1993, p. 184, grifo meu). Tais contradições chocam-se e confrontam-se em duas faces distintas, mas inseparáveis. A dualidade impõe-se de modo a exigir que ambos os lados (co)existam, mas, sob a pena da coerção social, não podem ocupar o mesmo lado da moeda⁷; caso ocupem, a contradição se fixa. Entretanto, mesmo em meio ao conflito, de alguma maneira, algumas contradições são “resolvidas” discursivamente pelas entrevistadas, numa forma de transitar entre um lado e outro, ocupando, de certa forma, um entre-lugar.

Segundo o discurso das entrevistadas, elas habitam o lugar de garota de programa porque são, antes de tudo, mães e, justamente por isso, para cumprirem o papel social materno, prostituem-se. Os enunciados a) **“Trabalho assim nessa vida pra dar o melhor pros meus filhos”**; b) **“Pior nós seria se nós tivesse abandonado nossos filhos, tivesse jogado na rua [...]. Nós tamo aqui por eles”** e c) **“Por eles que nós tamo aqui. Então, ninguém tem que fala nada”** mostram esse possível entre-lugar discursivo, lugar que o sujeito encontra para viver com as contradições que existem no choque das posições ocupadas por essas mulheres. Em (a), percebe-se a já dita contraditória relação existente entre pertencer à posição materna e à posição de garota de programa, lugares construídos como opostos historicamente. Não que garota de programa não possa ser mãe, mas a posição materna relaciona-se com o espaço da casa, associada, portanto, ao lar e à família e, por consequência, a todos os valores (positivos) que estão atrelados a essa instituição, já a garota de programa é relacionada à rua, à liberdade sexual, por isso essa relação de contraste e oposição. Em (b), é possível ver a evidência do quão boas mães elas são e de que desempenham bem seu papel, pois não são, por associação, mães “desnaturadas”, pelo contrário, elas sacrificam-se pelos filhos. Já em (c), há a defesa de ocupar o lugar que ocupam pelos filhos e a ressalva de que ninguém pode julgá-las por isso, novamente ecoa: “Nóis tamo aqui por eles”. É como se existisse nesse discurso uma linha tênue de pertencimento às duas formações discursivas, é como se fosse criado um espaço discursivo entre uma posição e outra, possibilitando ocupar ambas, ao mesmo tempo, mas sem desmoronar perante as contradições e embates de lugares delineados como distintos socialmente. Parece ser a tentativa do sujeito de pertencer a um mundo semanticamente normal, reafirmando sua condição de sujeito, em um constante processo reiterativo, para se encaixar onde,

⁷ Tanto que os filhos desconhecem que a mãe ocupa a posição de garota de programa e as entrevistadas tampouco querem que as filhas passem a ocupar tal lugar: “O que a gente passa por causa deles, imagine um dia ela querê fazê o mesmo que eu? Eu mato ela” (Carol). O medo da coerção social coloca as garotas de programa nas sombras, não só pela prática que exercem, mas também justamente por estarem do outro lado ocupando posições consideradas dignas e respeitadas pelo social.

aparentemente, não existiria encaixe perante os ditames sociais. Zoppi-Fontana (2003, p. 263), ao citar Pêcheux (1983), comenta sobre a “necessidade vital e linguageira [dos sujeitos] de encontrar pontos de estabilização e normalização do sentido que lhe permitam construir uma ilusão mínima de identidade para si e para o mundo que reclama interpretação”. Toda atividade de linguagem (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p.174) clama por pontos de estabilidade, de ancoragem para o sujeito, “se esta estabilidade falha, há um abalo na própria estrutura do sujeito e na atividade de linguagem”. Nesse sentido, pensa-se no entre-lugar discursivo como espaço do possível, como lugar fronteiro entre formações discursivas díspares que coexistem entre choques e embates e que permitem que o sujeito (sobre)viva nesse entremeio.

Na SD 02, Carol finaliza dizendo: “Por eles que nós tamo aqui. Então, ninguém tem que fala nada. Só que é feio minha filha sabê, minha filha com 12 anos, que eu tô na zona”. Ora, se existe um “sacrifício” em estar “ali”, ninguém poderia questionar ou mesmo julgá-lo como contraditório, pois, para Carol, não há contradição em ser mãe e fazer tudo pelos filhos, mesmo que esse tudo seja exercer uma prática moralmente condenada. Apesar de não existir contradição no fio discursivo em ser mãe e ser prostituta, Carol não deseja que o estereótipo de “filha da puta” recaia sobre a filha, o que possibilita pensar que o desmanchar do que poderia ser contraditório não ocorre de um modo exato, mas numa linha de tensão tênue, isso porque diversas formações discursivas se cruzam, chocam-se, hibridizam-se e, apesar de uma contradição se desfazer, outras se instauram. Ocorre aqui o que Zoppi-Fontana (2003) chama de “armadilha discursiva”, pois parece não existir contradição em ser mãe e ser prostituta para elas (uma vez que na própria posição de mãe se encontra o argumento que sustenta a prostituição: o sacrifício pelos filhos), mas há problemas de a filha ser reconhecida como “filha da puta”. Por que fazer o que fazem não se constitui como uma contradição para elas e por que quando os filhos são postos nesse lugar marginalizado, que é a prostituição, a contradição se instaura? Nesse embate discursivo, parece haver, assim, um possível entre-lugar que possibilita ocupar o “inocupável” de um modo “tranquilo”. Em outras palavras, a contradição existe, mas parece ser o analista que percebe isso, pois as garotas de programa se sentem plenas discursivamente, ilusão própria do funcionamento ideológico. Assim, se é contraditório ao analista, não é para o sujeito: “A incoerência do discurso depende de quem ouve. O espírito parece-me feito de tal forma que ele não pode ser incoerente para si mesmo [...]” (Paul Valery, Senhor Teste, *apud* CHAROLLES, 1997).

Entre as duas formações discursivas postas parece existir um espaço que não chega a ser um lugar propriamente dito, nem uma terceira formação discursiva, nem uma formação discursiva híbrida, mas um limiar tênue que localiza a confluência e as contradições de ambas, seria o espaço de (sobre)vivência do sujeito. Os embates e contradições discursivas apontam para a existência possível desse entre-lugar. Assim, no estudo proposto, investiga-se um possível deslizar para o conceito de entre-lugar de Silvano Santiago (2000).

Santiago (2000), no texto “O entre-lugar do discurso latino-americano”, tece reflexões acerca da enunciação latino-americana, afirmando que esta ocupa um lugar incerto entre duas posições discursivas, ou, mais especificamente, entre a posição dominante e sua negação pura. O movimento de resistência do colonizado em relação à imposição dos valores do colonizador europeu é localizado pelo autor enquanto um espaço discursivo, sendo este denominado de entre-lugar:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão, - ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (SANTIAGO, 2000, p. 28).

O termo é amplamente utilizado nos estudos literários e culturais, inclusive ressignificado por outros autores. Não é exatamente essa definição que interessa, mas um possível deslocamento para o campo discursivo na tentativa de entender ou de explicar esse entremeio em que se localiza o discurso das garotas de programa ao partilharem de formações discursivas distintas. O entre-lugar, deslizando para o jogo discursivo, seria o espaço que permite que os efeitos de sentido das distintas formações discursivas se mesquem ao mesmo tempo em que tentam permanecer cada qual separada; trata-se, portanto, de um espaço intersticial.

Dessa forma, as garotas de programa encontram-se no meio por ocuparem dois espaços opostos: nem tão à margem, nem tanto dentro dos ditames sociais; elas vivem(nciam) (n)a zona. Damatta (1997, p. 45, grifo nosso) reitera que a prostituição se localiza em um espaço transitório, singular.

Mas nossos espaços nem sempre são marcados pela eternidade. Há também espaços transitórios e problemáticos que recebem um tratamento muito diferente. **Assim, tudo o que está relacionado ao paradoxo, ao conflito ou à contradição – como as regiões pobres ou de meretrício – fica num espaço singular. Geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes.** Jamais são concebidas como espaços permanentes ou estruturalmente complementares às áreas mais nobres da mesma cidade, mas **são sempre vistos como locais de transição: ‘zonas’, ‘brejos’, ‘mangues’ e ‘alagados’.** Locais liminares, onde a presença conjunta da terra e da água marca um espaço físico confuso e necessariamente ambíguo.

Como dito, viver na zona é muito mais que viver da prostituição; viver na zona é experienciar o entremeio, o não-lugar ou “a terceira margem do rio” como quer Guimarães Rosa, que nas suas *Primeiras histórias* (1962) (re)cria ficcionalmente esse espaço intermediário situando seu personagem em um contínuo suspenso, alienando-se da rotina para viver da “invenção de [...] permanecer naqueles espaços do rio de meio a meio”, numa canoa que jamais “pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio”, não mais tocando “em chão nem capim” (ROSA, 1978, p. 36-37). Ser garota de programa é experienciar os dois lados do rio e também o não-lugar do entremeio, que constitui, para quem observa da margem, a contradição, mas para quem habita a terceira margem nada mais é que um incessante navegar por águas (des)(re)conhecidas. Mesmo se encontrando nesse entremeio, as formações discursivas que se cruzam e se confrontam no discurso produzem para as garotas de programa a sensação de completude, por isso não há (haveria) contradição em ser mãe e ser prostituta, por exemplo, inclusive porque se os sujeitos não se sentirem plenos (interpelação), eles “desmoronam” discursivamente.

REFERÊNCIAS

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas. In: _____. *Texto, Leitura e Escrita*.

Organização e Revisão Técnica da tradução: Charlotte Galves, Eni Orlandi, Paulo Otoni. Campinas: Pontes, 1997, p. 39-85.

DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 163 p.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. *Linguasagem*, São Carlos, ed. 03. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php>. Acesso em: 29 jun. 2016.

LAGAZZI, S. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988. 101 p.

MALDIDIER, D. *A Inquietação do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003. 110 p.

ORLANDI, E. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012. 239 p.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 2008. 68 p.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. 287 p.

_____. *A análise de discurso: três épocas*. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani. 4. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2010. p. 307-315.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani. 4. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2010. p. 159-249.

ROSA, J. G. A terceira margem do rio. In: _____. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 31-37.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 219 p.

VAZQUEZ, A. S. *Ética*. 14. ed. Tradução de João Dell'Anna. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1993. 267 p.

ZOPPI-FONTANA, M. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. *Revista Organon*, UFRGS, v. 17, n. 35, p. 245-282, 2003.

Recebido em: 05/10/2015

Aprovado em: 10/08/2016